

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Júnior Antônio de Souza

O retorno escolar: necessidade individual ou cobrança social.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.º ~~1279~~
Data 02/10/98

1205

1205. Leal

S, 15 Setembro/1998.

1205

Júnior Antônio de Souza

**O retorno escolar: necessidade individual ou
cobrança social.**

Trabalho apresentado na
disciplina “ monografia II ”,
como exigência parcial para a
conclusão do curso de História.

Setembro/1998.

Agradeço a Deus a oportunidade de vencer mais essa barreira.

Dedico esse trabalho a minha esposa Núbia, aos meus filhos Matheus e Arthur e aos meus pais, que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis.

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram direta e indiretamente com esse trabalho.

Universidade Federal de Uberlândia

Banca Examinadora

Gizelda Costa da S. Simonini

Prof^a Ms. Gizelda Costa S. Simonini – Orientadora

M. S.

Prof^a Ms. Maria de Fátima Ramos Almeida

Fátima Conceição Ferreira

Prof^a Ms. Fátima Conceição Ferreira

nota 90,0
Simonini

ÍNDICE

Apresentação	Pág. 5
 <i><u>Capítulo I</u></i>	
Contexto histórico dos anos oitenta/noventa	10
 <i><u>Capítulo II</u></i>	
Fontes Orais: o resgate da memória	19
Pontos de partida da pesquisa	23
A escola e sua problemática	27
 <i><u>Capítulo III</u></i>	
O abandono escolar: implicações sociais	34
A atuação do Estado na Educação	34
Principais aspectos do abandono escolar	37
A consciência da necessidade	42
 <i><u>Capítulo IV</u></i>	
Qual a situação da escola?	54
Disciplina de História: avanços ou retrocessos	60
Conclusão	67
Anexos	69
Bibliografia	72

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi realizado no intuito de elucidar algumas questões sobre uma problemática muito presente no nosso cotidiano, onde o objeto de pesquisa é aquele aluno que parou de estudar e depois de algum tempo voltou novamente; perceber o seu universo contrapondo com o universo social e analisar suas contradições.

A evasão escolar é um dos principais problemas que a educação brasileira enfrenta, tal fato é comprovado quando verificamos o cotidiano das salas de aulas e percebemos que boa parte dos alunos estão com a idade avançada para a série que está cursando. Esse fato me deixou bastante intrigado por que percebi que ele era bem mais comum do que imaginava, o que levantou uma questão muito preocupante; há um descaso da sociedade em perceber quais foram as razões que fizeram com que esses alunos parassem de estudar e muito menos perceber quais foram os motivos que o influenciaram para que ele voltasse novamente para escola.

A evasão juntamente com a repetência estão presentes nas escolas mineiras (conforme quadro abaixo), tal fato causa um grande prejuízo econômico para o Estado, que mesmo assim não se preocupa como deveria com esse problema. Para não fugir a regra, as propostas do governo para solucionar esse problema não possuem como ponto de partida a qualidade de ensino, demonstra claramente a preocupação em reduzir os gastos com os alunos e melhorar as estatísticas a esse respeito. Ele propicia ao aluno a ascensão automática a série seguinte, uma vez que os professores não podem manter aquele aluno na mesma série no outro ano, mesmo que as suas condições intelectuais não são favoráveis. Foram criados meios para que os alunos fiquem devendo aquelas matérias que eles não conseguiram sua aprovação, como é o caso da dependência, onde o aluno faz todas as matérias da série seguinte paralelamente com a dependência. Essa proposta governamental deixa a

educação numa situação cada vez mais difícil, além da cobrança imensa que os professores sofrem para que não haja reprovação nas suas turmas, ocasionando as vezes a aprovação do aluno sem as condições necessárias para enfrentar a outra série, os alunos que se encontram em dependência não tem a mínima condição de desenvolver um trabalho no mínimo aceitável, por que a sua carga horária é muito pequena com apenas uma aula por semana. Fica evidente mais uma vez que as propostas não visam melhorar a qualidade do ensino, mas tem como principal interesse reduzir os gastos com a educação, pois eles vêm a repetência e a evasão como desperdício do dinheiro público, não se preocupam em analisar as condições sociais que vivem os alunos nessas situações.

QUADRO 1 (ANO 1995)

SÉRIE	5ª	6ª	7ª	8ª	Total 5ª a 8ª
Matricula Efetiva em 10/03	419.497	313.286	235.400	173.021	1.141.204
Alunos Afastados por Abandono	84.200 20.19 %	49.626 15.98 %	33.649 14.40 %	19.830 11.54 %	187.305 16.53 %
Alunos Reprovados					
Números	83.554	46.787	27.241	13.984	171.566
Taxas	25.11 %	17.93 %	13.61 %	9.20 %	18,14 %

Fonte: Série rede de ensino estadual de Minas Gerais. 1995.¹

De acordo com o quadro 1, podemos perceber duas situações distintas. A primeira é que o aluno de 5º série é mais problemático do que os alunos das séries seguintes, atinge um nível assustador de 45.30 % que não conseguem chegar a 6º série, o que justifica a preocupação em alguns trabalhos de encarar de perto essa problemática. A segunda é que há uma diminuição bastante significativa de alunos à medida que as séries vão evoluindo, ou seja, a grande maioria dos alunos de 5º série não conseguem chegar a 8º série, nesse periodo eles abandonam a escola.

¹ FERREIRA, Fátima Conceição. Paixão e conflito: um estudo sobre o aluno trabalhador de quinta série noturna. Dissertação de Mestrado. UFU. 1997.

A preocupação inicial do trabalho é tentar perceber por que os alunos abandonaram a escola e alguns anos depois retornaram novamente para o universo escolar, entender que motivos levaram esses alunos a abandonarem a escola, tentando perceber o seu contexto sócio cultural e econômico, e o que predominou e influenciou para esse abandono. Logo após essa abordagem surge a necessidade de compreender quais as razões e as situações mais frequentes que levaram esse aluno a voltar novamente a estudar, o que indiscutivelmente nos levará a questão sócio econômica novamente.

Diante do fato caracterizado da saída e retorno desse aluno ao universo escolar, o eixo central da pesquisa é fazer uma análise da percepção desse aluno sobre a escola e em especial sobre a disciplina de História, tentando resgatar do aluno as modificações que ocorreram dentro da disciplina de História e na escola durante esse período que esteve ausente. Acredito que esse aluno possa nos fornecer dados mais concretos para uma melhor avaliação das alterações ocorridas dentro do processo educacional.

O estudo da realidade educacional tem adquirido características novas nos últimos tempos, nota-se claramente nos trabalhos mais recentes uma preocupação em perceber essa realidade numa perspectiva histórica, tendo como foco central o cotidiano vivido dentro da escola, ou seja, há uma preocupação de resgatar na História esse cotidiano do aluno, o que sem dúvida nos proporciona uma visão do que está sendo discutido em toda a sociedade.

Outro fator que influencia diretamente a pesquisa principalmente quando se fala em educação é que o pesquisador pode partir de alguns pressupostos “determinados”, por que ele possui valores adquiridos dentro dessa sociedade, e pode procurar na pesquisa argumentos que justifiquem sua maneira de pensar, se isso ocorrer todo o seu trabalho pode ficar comprometido. Para que isso não aconteça o trabalho tem que ser feito com

“...rigor e objetividade, neste caso, só serão resguardados se o ponto de vista do estudioso

— isto é, sua teoria da educação — for explicitado com clareza suficiente para condicionar a aceitação de suas conclusões à realidade do cenário teórico na qual ele circulou para elaborar essas conclusões.”²

Mas deixando claro que a subjetividade de quem escreve sempre está presente, não há como desvincular os interesses, os valores do autor de sua obra, por exemplo, o historiador ao escolher determinado assunto, vai escolher aquele assunto que esclareça as suas angústias individuais; ao optar por uma determinada linha de pensamento historiográfica, ele escolherá aquela que melhor se enquadra na sua perspectiva de compreender a sociedade, ou seja, são todas escolhas particulares que norteiam a sua visão de como funciona a sociedade e isso é indissociável de seu trabalho.

Todas as questões discutidas no decorrer do trabalho surgiram das entrevistas realizadas com os alunos, a partir delas foram feitos levantamentos de uma bibliografia que as contemplasse e que proporcionasse um embasamento teórico satisfatório para a realização da monografia.

Para facilitar a compreensão do conteúdo trabalhado, a monografia foi dividida em quatro capítulos e na conclusão.

No primeiro capítulo há uma preocupação em demonstrar qual sociedade aquele aluno estava vivendo, percebendo as transições ocorridas dentro da sociedade nesse período histórico riquíssimo.

O segundo capítulo é uma tentativa de elucidar qual o método de pesquisa utilizado no trabalho, juntamente com uma abordagem da problemática da escola encarada no seu dia a dia.

² PÊNIN, Sônia. Cotidiano e escola: a obra em construção. São Paulo : Cortez. 1989 (Biblioteca da Educação. série 1. Escola;V.2) Pag. 1/31.

As causas mais frequentes que ocasionaram os alunos a pararem de estudar e os fatores que impulsionaram esses alunos a voltarem, esse é o conteúdo que vai ser discutido no terceiro capítulo.

No quarto capítulo a discussão ocorrerá na tentativa de perceber as alterações ocorridas dentro da escola e na disciplina de História de acordo com as entrevistas dos alunos. Esse capítulo é muito importante porque ele abarca a percepção do aluno sobre as alterações ocorridas dentro do universo escolar durante um determinado período de tempo, pois trabalha com a realidade do antes e do depois.

Por último, as considerações finais, onde relatarei as conclusões apuradas durante todo o trabalho de pesquisa, espero que essas conclusões ajudem a entender melhor toda essa problemática.

CAPÍTULO I

Contexto histórico dos anos oitenta / noventa

“ A escola como instituição normal de um país, depende muito mais do ar público que integralmente flutua do que do ar pedagógico artificialmente produzido dentro de seus muros. ”³

A sociedade em que vivemos é dinâmica, todos os fatores sociais estão ligados entre si, não podendo ser compreendido separadamente uns dos outros. Esse trabalho foi feito com esse pensamento, onde todos os laços, os vínculos sociais estão presentes em todas as instâncias da sociedade. A educação analisada fora do contexto social cria problemas seríssimos no âmbito educacional e social, quando isso ocorre ela transforma esse aluno num sujeito acrítico, onde ele não consegue compreender toda a amplitude do social, tornando-se facilmente manipulado pela ideologia dominante. Ao analisar este aluno que voltou a estudar, estaremos analisando toda a estrutura social em que eles vivem e também a sua vida dentro e fora da escola, toda a sua expectativa com essa nova realidade.

É fácil posicionarmos diante de uma realidade, desde que não nos encontremos dentro dela, por isso a preocupação em procurar quem esteve e está diretamente ligado ao processo, quem viveu e vive todas as transformações

³ AZEVEDO, Fernando. Sociologia Educacional. 6ª Edição. São Paulo. Edições Melhoramentos.1964. P.217/249.

sociais, culturais e educacionais durante um determinado tempo e resgatar toda sua visão de mundo, sua percepção da realidade e sua expectativa de vida.

Delimitei o corte cronológico de 1.982 a 1.997, por perceber que este período foi bastante tumultuado no Brasil em todos os aspectos: social, político, educacional, etc; neste período o Brasil viveu um período de transição política, convivendo com a ditadura militar até o ano de 1985 quando finalmente alcançamos a “democracia”. Como não poderia ser diferente a educação no Brasil até 1.985 vivia sob o olhar atento da ditadura que estava preocupado em oferecer aos jovens apenas uma habilitação profissional a nível médio (ensino profissionalizante), onde seriam inseridos no mercado de trabalho, atendendo às necessidades desse mercado, ajustando automaticamente a economia.

Com a influência da ditadura militar sobre a educação brasileira, toda a estrutura escolar era muito rígida, prejudicando todo o processo educacional, principalmente a disciplina de história, por se tratar de uma disciplina que cobra uma visão política do professor ⁴ , uma percepção da realidade e uma reflexão histórica crítica, ocasionando uma colisão ideológica frontal, e diretamente um risco para esses professores, porque para os militares qualquer posição política contrária a sua é considerado uma contravenção, uma ameaça que deve ser superada.

Aliando-se a máquina estatal, como uma forma de impor o seu autoritarismo e a sua ideologia, a educação é utilizada como um instrumento de sustentação e reafirmação desta prática política. Através da história oficial onde somente são resgatados os fatos que são interessantes para perpetuar o poder, ou seja, é passado somente a visão do vencedor que são os militares, complementada com uma larga escala de livros didáticos na mesma linha de pensamento, que procuram ocultar as diferenças e as contradições das relações sociais, transparecendo ao povo uma verdadeira paz social. Nesse período,

⁴ NUNES , Silma do Carmo. Concepções de mundo no Ensino de História. Campinas, São Paulo:Papirus,1996. (P.26) (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

percebe-se claramente a preocupação com a disciplinarização dos alunos chegando-se ao ponto de serem utilizadas agressões físicas para o cumprimento da ordem estabelecida.

O que deve ser destacado, neste período de transição, é que uma grande parcela da população não era leiga politicamente como pensavam os militares, eles percebiam o que estava acontecendo no Brasil, isso fica evidenciado no medo que o governo estava de uma grande derrota nas eleições municipais de 1.980, o que provocou o adiamento das mesmas para o ano de 1.982. durante esses anos de ditadura uma grande parcela da população, não conseguindo discutir política, procuram meios alternativos de discussão, encontrando o respaldo na igreja católica, fazem dali um centro privilegiado de discussões sociais e políticas, como é o caso das comunidades eclesiais de base (CEBs), dos clubes das mães, etc.⁵

Com a abertura política, mesmo que controlada, as eleições foram mais acirradas. Em Uberlândia essa rivalidade era visível, onde o candidato da situação disputa com o candidato do PMDB, Zaire Resende, com campanhas bem distintas, o candidato do PMDB foi eleito. Sua campanha política tinha como base a “democracia participativa”, esta seria uma administração aberta à participação popular. Com uma participação ativa da população ocorreria a descentralização do poder e teoricamente uma democratização dos espaços públicos.

Uberlândia era dirigida por uma burguesia conservadora que via nessa democracia participativa um grande perigo.

“Os ecos da (re) democratização foram ouvidos e a elite local entrou em crise. A questão era como conciliar os interesses da reprodução de capital e os interesses sociais de

⁵ SADER, Edér. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra.1988.

mudança . Numa cidade onde a riqueza está nas mãos da elite, a maioria da população periférica, carece dos serviços básicos, e está a alijada da acumulação de capital...”⁶

É muito importante ressaltar que depois do choque inicial, a burguesia soube contornar muito bem a situação.

“O fortalecimento da sociedade civil, fez com que a burguesia, que se distanciava cada vez mais da antiga parceria com tecnocratas civis e militares, se debandasse para o lado da democratização, na sua intenção de relegar aqueles parceiros indesejáveis no âmbito político.”⁷

De acordo com Resende, fica evidenciado que a burguesia brasileira apoia a concepção política que lhe proporcionar uma maior rentabilidade econômica e representatividade popular, até aquele momento, a burguesia apoiou a ditadura militar pois esta tinha cumprido o seu papel, proporcionando um lucro imenso para a burguesia e garantindo os seus interesses políticos. A partir dali já não era mais interessante apoiar a ditadura, a democratização do espaço público acompanharia um movimento mundial e com certeza seus lucros seriam maximizados. A burguesia é uma classe que não possui escrúpulos e não possui ética, pois seu apoio depende de como anda as condições financeiras e sociais, se forem favoráveis a ela, apóia, se entrar em crise, ela se apresenta como se nunca tivesse apoiado tal concepção, na tentativa de tirar proveito das novas condições sociais que surgirem.

⁶ DANTAS, Sandra Mara. Uberlândia - Terra fértil para novas sementeiras: a experiência da democracia participativa (1983 – 1988). Monografia UFU. 1996.

⁷ RESENDE, Selmo Haroldo. A evolução do ensino de 1º e 2º graus no Brasil e seu contexto histórico-político-econômico e social (1930-1985). (Mimeo).

No âmbito educacional, a década de 80 demonstrou uma grande preocupação em todos aspectos dentro da escola; na disciplina de História, vários problemas enfrentados dentro da sala de aula foram questionados na tentativa de procurar novas perspectivas educacionais que solucionassem esses problemas vivenciados no cotidiano dos alunos.

Vários aspectos educacionais dentro da disciplina de História tiveram destaque nas discussões realizadas na década de 80 como:

- 1- *A questão da produção do conhecimento histórico como forma de romper com o papel de reprodução que tradicionalmente é conferido ao 1º e 2º graus.*
- 2- *O livro didático: o significado de sua utilização e a análise dos conteúdos curriculares.*
- 3- *O ensino temático como proposta alternativa ao ensino de História tradicionalmente predominante.*
- 4- *Experiências utilizando diferentes linguagens e recursos no ensino de História no 1º e 2º graus, música, literatura, filmes, T.V, Histórias em quadrinhos, documentos variados, etc.⁸*

Esse período foi bastante tumultuado, o Brasil enfrentava graves problemas sociais e a população cobrava mudanças efetivas em toda a sociedade. Além da cobrança da sociedade os professores perceberam que esse poderia ser um período muito produtivo para a educação.

⁸ FONSECA. Selva Guimarães. Ensino de História. Diversificação de Abordagens. Revista Brasileira de História, São Paulo, V.9, Nº 19, 1990, PP. 197-208.

Dentro deste contexto é criado o currículo de 1.986 que surge como uma inovação no campo educacional, pois o que se espera dele é uma grande superação da proposta curricular anterior, que era considerada tradicional e positivista . Para o governo, essa proposta curricular era um exemplo de democracia, sendo criado com a participação de uma grande parcela do professorado mineiro, mas na prática essa realidade é questionada:

“as limitações dadas pela estrutura arcaica, viciada e centralizadora das secretarias de educação e delegacias de ensino tenderam a “enquadrar”, uniformizar e reduzir o significado do processo de mudanças do currículo de história para os professores sujeitos históricos de um momento intelectual e político plural rico em possibilidades e propostas de ação.”⁹

Não se pode negar que esse currículo trouxe alguns avanços para a educação. Na disciplina de História houve avanços significativos, como a inclusão de novas vertentes historiográficas no currículo, como o marxismo, história da classe operária, etc. Frutos desse novo currículo não tardaram a aparecer. Já em 1.989 foram publicados livros didáticos na linha de pensamento marxista, onde não era apenas uma leitura de outros autores sobre o pensamento marxista, mas o livro didático contendo trechos escritos pelo próprio Marx. Foi um avanço positivo, por que proporciona ao aluno o contato direto com o documento e não apenas interpretações do mesmo,¹⁰ mas ainda não proporcionava ao aluno uma compreensão histórica do contexto estudado.

Os últimos anos da década de 80 foram bastante tumultuados econômica

⁹ FONSECA, Selva Guimarães . Caminhos da História Ensinada.3ª Edição, Campinas-São Paulo. Papirus,1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

¹⁰ FARIA,. Ricardo de Moura. História. Vol. 2 . Belo Horizonte. Minas Gerais: Ed. Lê.1989.

e politicamente, com várias mudanças na moeda do Brasil, inflação em níveis astronômicos, desemprego, déficit públicos, etc; o povo brasileiro enfrentava um verdadeiro caos.

Também foi um período que propiciou avanços significativos para toda a sociedade brasileira, como a constituição de 1.988 que se pautava na abertura política e econômica. As eleições diretas em 1.989 também foi um avanço bastante significativo, depois de várias décadas o povo brasileiro voltava a votar para presidente.

No início da década de 90, novas eleições diretas para presidente e um governo que conseguiu a estabilidade econômica, baixou os índices inflacionários, incentivou o crescimento da produção industrial e do consumo, mas todo esse “milagre” às custas da classe trabalhadora, sempre sacrificada nas suas políticas sociais, mas mesmo assim, com níveis altíssimos de aprovação popular.

Mas, durante esse período os estudantes não se omitiram politicamente, se organizaram na tentativa de participar ativamente da elaboração da constituição, através do centro de estudos e acompanhamentos da constituinte (C E A C – UNB), seguindo o exemplo da universidade de Brasília, outras universidades criaram os seus C E A C s que sempre manifestaram seu apoio às concepções mais progressistas. Os estudantes secundaristas e universitários mostraram sua força ao sair nas ruas de cara pintada, em grandes manifestações políticas, exigindo o impeachment do presidente Collor acusado de corrupção e abuso de poder.

Com todos esses fatos acontecendo, a sociedade vivendo um intenso processo de abertura econômica jamais vista no Brasil, com uma importação maciça de tecnologia vinda de países “desenvolvidos”, houve a necessidade de discutir (em 1.991) a elaboração de um novo currículo que superasse e atendesse as necessidades educacionais desta nova década, por que a sociedade estava evoluindo numa velocidade impressionante, principalmente no aspecto

tecnológico, que diretamente cobrava do Estado uma educação que atendesse as suas necessidades. A proposta baseava-se numa avaliação dos currículos anteriores e tinha como meta uma educação de qualidade para todos. Além disso, visava a superação dos problemas encontrados no currículo de 1.986, como: a falta de capacitação docente, falta de equipamentos nas escolas, falta de conhecimento do currículo por parte dos alunos e dos professores, etc. Este novo currículo pretendia criar formas de garantir equipamentos e pessoal capacitados em todas as escolas estaduais, educação igual para todos os níveis sócio-econômicos, professores e especialistas treinados intensivamente para se tornarem capazes de superar o fracasso escolar etc. Discutiremos nos próximos capítulos se esses objetivos foram alcançados ou não.

Entre os professores, surgiu a necessidade de repensar a questão educacional, e principalmente, sobre o papel da escola dentro da sociedade.

“...A escola desempenha o papel de pré-alienar as crianças e jovens, preparando-os assim para a acomodação à sociedade de consumo... Apesar de muitos argumentos válidos em favor da escola, não se pode negar que as críticas põem a descoberto o problema da legitimidade da instituição num contexto de profundas mudanças.”¹¹

Tais questionamentos sobre a questão educacional e a escola cobram do educador uma posição enérgica, inovadora e criativa para que esta prática escolar seja alterada, criando novas perspectivas para a educação. O educador de alguma forma deve repensar sua prática pedagógica, como ele está educando, no que seu conteúdo pode ser útil na vida cotidiana do aluno e a que

¹¹ STRICH, Danilo. (Et orgs). Educação Básica e o Básico na Educação. Porto Alegre, Sulina / Unisinas.1996

ponto ele quer chegar, pois se quiser abarcar a totalidade de conteúdos e formas, estará mesmo que inconsciente, aumentando a exclusão da História daqueles que já estavam excluídos. Há uma necessidade de rever paradigmas para evitar “reduzir tudo a uma totalidade excludente”¹². Cabe ao educador ajudar os alunos a construir conhecimento e não apenas reproduzi-los, uma vez que são indivíduos com diferenças de interesses, de aspirações, de hábitos, de trabalhos, etc; mais que educá-los, construir para o crescimento e desenvolvimento dessas pessoas enquanto cidadãos. Iremos perceber no decorrer do trabalho, se houve alguma modificação por parte do educador para contribuir com a formação do seu aluno.

É de extrema importância o resgate da história desse aluno que voltou a estudar, por que ele pode vivenciar as alterações que ocorreram dentro deste período histórico, o que não podemos esquecer é que este aluno é um universo de tensões, esperanças e sonhos, conseguidos através de sua experiência de vida, que devem ser aceitas e estimuladas por todos para tentarmos promover o seu crescimento.

¹² Idem 11.

CAPÍTULO II

Fontes orais: o resgate da memória

“ Não, na verdade, os fatos não se assemelham aos peixes que nadam no oceano imenso e muitas vezes inacessíveis; o que o historiador apanhará depende em parte do acaso, mas sobretudo da região do oceano que tiver escolhido para a sua pesca e da isca de que se serve. Estes três fatores são, evidentemente, determinados pelo tipo de peixes que se propõe apanhar. Em geral, o historiador obterá o tipo de fatos que deseja encontrar. ”¹

O conteúdo da História pode ser abordado de variadas formas, essa abordagem depende a que resultado o historiador quer chegar, a que assuntos ele irá privilegiar no decorrer da pesquisa de acordo com os seus interesses individuais. Este trabalho se propõe a resgatar a memória do aluno que retornou a escola , resgatando toda sua experiência de vida. Entendemos essa memória como

“ resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos

¹ Shaff, Adam. História e Verdade. Tradução (de) Maria Paula Duarte, revisão (de) Carlos Roberto F. Nogueira. 2ª Edição. São Paulo. Martins Fontes.1983.

significados que constituem a rede de significações sociais...A memória possibilita resgatar as marcas de como foram vividos, sentidos, compreendidos determinados momentos, determinados acontecimentos; ou mesmo o que e como foi transmitido e registrado pela memória individual e ou coletiva.” (P.56)²

A procura pela fontes orais se justifica nas próprias entrevistas trabalhadas, porque percebemos claramente que esse tipo de abordagem propicia uma infinidade de fatos novos que surgem através da experiência desses alunos.

“ Muitas entrevistas relatam marcas que algumas vezes em nada diferenciam do que está registrado em outras fontes. No entanto, a dimensão da memória, mesmo quando coincide ou reproduz os significados sociais institucionalizados, oferece elementos para a reflexão acerca da força das marcas das histórias que se tornaram hegemônicas.”³

Percebe-se pela fala de seus defensores que o trabalho realizado optando-se pelas fontes orais pode ser muito enriquecedor pela infinidade de novos elementos que são levantados para a reflexão, que as vezes não são encontrados nos livros nem em outras fontes. Esse tipo de abordagem historiográfica poderia ser um complemento aquela História aceita formalmente, uma vez que

² MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 13. Nº 25/26. Set.92-Ago.93.

³ Idem 2.

trabalha com aspirações opostas a essa História tradicional, optando-se pelo excluído, ou poderia desmentir essa História tradicional porque estaria em jogo interesses opostos, visões de mundo diferentes analisados por ângulos diferenciados, propiciando a sociedade uma nova versão do fato histórico.

Este tipo de abordagem propicia novas perspectivas do passado e uma maneira diferente de ver a História, uma vez que seu ponto de partida é a visão de mundo de uma pessoa excluída do processo tanto social como educacional, ou seja, é resgatada aquela existência ignorada anteriormente, havendo uma ampliação no sentido de História podendo se tornar mais plena e abrangente. Esse resgate do cotidiano é muito importante por que mostra para todos que nós somos agentes históricos atuantes e não meros receptores dos feitos dos grandes homens.

Mas este tipo de abordagem é muito questionada por alguns historiadores alegando-se que

“...as chamadas “ novas metodologias ”, com a sua preferência pelo fragmentário, o micrológico, o particular, o fortuito, o imaginário, o sexo, etc; apenas agravam as fendas abertas pela crise da razão moderna, descambando resolutamente para o irracionalismo.””(P. 16)⁴

Filho faz a análise dessas “ novas metodologias” com o intuito de valorizar e reforçar a teoria marxista. Ele entende que essas vertentes surgiram devido a uma suposta crise no marxismo que não conseguia explicar as relações humanas dentro da sociedade, mas que ele era a principal frente teórica para que pudesse chegar a essas explicações. Faz uma crítica a sociedade pós-moderna que

⁴ FILHO, Michel Zaidan. A crise da razão histórica. Campinas. EP. Papirus.1989. (P.12/36)

“...rejeita decididamente a predileção pelas grandes sínteses, pelo conhecimento das causas primeiras, pela busca no sentido da História.”⁵

Outros historiadores como Margareth Rago, percebe a importância do marxismo, mas também a contribuição importantíssima das outras correntes teóricas;

“ O marxismo em um determinado momento é a principal frente teórica de interpretação e de explicação dos eventos humanos, em outro revelou-se muito limitado, para não dizer incapaz de fornecer por si só conceitos explicativos para territórios pouco explorados e para determinados fenômenos e acontecimentos sociais.... Com isso surgiu a necessidade prática da abertura teórica para outras fontes conceituais e interpretativas, sendo que nesse ponto Foucault é muito importante por que ele propicia novas abordagens históricas em outras vertentes analíticas; ”⁶

Ao optar por uma corrente historiográfica distinta o historiador tem que analisar o que as outras correntes historiográficas podem contribuir para o seu trabalho de pesquisa, ele tem que vincular todo o conhecimento adquirido para que possa repensar criticamente a História. Ao trabalhar com as fontes orais existem conceitos marxistas que estão intrínsecos em todo o trabalho, como lutas de classes, desigualdade social, etc; ou seja, não há como você analisar a

⁵ Idem 4.

⁶ RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia. (MIMEO)

sociedade sem utilizar conceitos básicos de outras correntes historiográficas, toda a discussão teórica é importante porque ajuda o historiador na sua prática.

Outro fator relevante é que a pesquisa é realizada na fontes primárias, havendo um aumento significativo nos conteúdos e nas fontes pesquisadas, ele não fica preso a documentos oficiais e as fontes tradicionalmente pesquisadas apesar de serem usadas como um complemento muito importante na pesquisa.

Pontos de partida da pesquisa

O ponto de partida do trabalho foram as entrevistas realizadas com os alunos com a intenção de que eles mesmos levantassem as questões que consideravam mais importantes no âmbito da escola e dentro da disciplina de História. Foram realizadas dez entrevistas no total, com alunos que deixaram a escola entre 1982 a 1997 . As entrevistas tem a duração entre quarenta minutos a uma hora, e a partir desse depoimento do aluno foi possível compreender estas questões dentro do imaginário social e entender qual a repercussão dos fatos para a vida do aluno.

Para a entrevista foi elaborado um questionário com o intuito de apenas introduzir o assunto ao aluno, deixando-o livre para falar de sua experiência dentro e fora da sala de aula e da escola. Não existiu um critério definido para a escolha dos alunos, sendo respeitado somente o de estar cursando de 5ª a 8ª série quando abandonou os seus estudos. Alguns dos entrevistados são colegas de trabalho que passaram por essa situação, o que ajudou nas entrevistas, por que existia um relação de proximidade e confiabilidade entre ambos, favorecendo assim para que o entrevistado não ficasse inibido.

Na sua maioria absoluta são trabalhadores e trabalham em média oito horas por dia, todos são de classe baixa e dependem diretamente da venda de sua força de trabalho para sobreviverem, o que torna impossível a dedicação

integral aos seus estudos. Na maioria das vezes são moradores de bairros afastados do centro, caracterizando-se como moradores da periferia da cidade.

A idade dos alunos entrevistados variam entre os 21 até os 42 anos, sendo que a grande maioria possui mais de trinta anos de idade, com isso podemos perceber que o aluno ficou muito tempo longe da escola. É importante perceber que alguns alunos tiveram uma certa dificuldade de entrossamento na escola depois que voltou a estudar, devido a sua faixa etária estar muito avançada para a série que estava cursando.

“ Quando eu voltei a estudar, eu estudava de manhã por que trabalhava na parte da tarde. Os meus colegas de classe eram bem mais novos do que eu, o que me deixava muito sem graça no meio deles. Eu ia pra escola para estudar e recuperar o tempo perdido enquanto que eles não, eles iam pra bagunçar, pra se divertir. Olhando pra eles eu me via quando tinha aquela idade e fazia aquelas mesmas coisas, era como se eu estivesse olhando para o passado...então eu larguei de estudar de novo”.⁷

Através desse trecho podemos perceber que a readaptação do aluno mais velho dentro da sala de aula pode ser um pouco conturbada, por que aparentemente aquele adolescente colega seu de sala de aula passa por uma fase onde a escola não tem importância para ele, enquanto que o adulto está ali para recuperar o tempo perdido, demonstrando bastante interesse pelas aulas, ocorrendo um choque de interesses bastantes distintos, onde quem sai perdendo é o aluno que está retornando a escola. Nessa situação ele vive um duplo

⁷ Entrevista E.T.P.

problema; readaptar toda a sua vida social encaixando as suas atividades escolares e tentar readaptar seus interesses dentro da sala de aula com os alunos que já se encontravam estudando.

Outro fator que acho ser de fundamental importância é o fator psicológico relacionando a idade do aluno, em uma das entrevistas isso ficou bem claro;

“...Eu acho que uma coisa que a maioria dos alunos não tem é iniciativa, acha que por que está ultrapassado, já está velho não adianta mais estudar, né, então é um motivo para que não volte a estudar, aí foi que eu abri minha cabeça por outras necessidades também,...eu me auto-avaliei e voltei a estudar.”⁸

Realmente percebemos dentro da sociedade que esse pensamento é mais comum do que imaginávamos, uma grande parte das pessoas que se encontram a idade acima dos 30 anos acham que estão ultrapassados e muito velho para voltarem a estudar e com essa justificativa realmente não voltam.⁹

Antes de parar de estudar todos frequentavam escolas públicas, mas agora a realidade é outra, quase nenhum deles optaram por essa via, vários aspectos influenciaram essa decisão, entre tantos o que os alunos mais notaram diz respeito a qualidade de ensino, dizendo que a diferença de qualidade da escola pública para a particular é muito grande, como podemos perceber abaixo:

“ No colégio particular eles visam muito aprimorar os conhecimentos atuais...não só do

⁸ Entrevista N.V.T.

⁹ Depois de perceber a questão da idade na fala desse aluno, comecei a questionar várias pessoas que estão fora da escola e com uma idade mais avançada, e realmente esse é um dos principais argumentos utilizados por esses ex-alunos. É bastante comum ouvir : “ Já estou muito velho para voltar a estudar” e “Com a minha idade é muito difícil aprender”.

nosso país, mas também em outros países do mundo.”¹⁰

*“ Quanto aos professores a diferença é muito grande, parece que eles tem um conhecimento maior sobre a disciplina de História, por que o professor da escola estadual visa muito só o livro, e o professor da escola particular não, ele visa outros trabalhos, ele leva uma revista, ele leva um jornal pra gente debater um determinado assunto.”*¹¹

Outros procuraram outros meios para voltar a estudar, como é o caso do supletivo:

*“ Eu procurei a voltar através do supletivo, você não precisa ir todos os dias, pode escolher uma determinada quantidade de matéria e estudando aquele tanto de matéria que dá pra você ir na aula conforme o seu tempo disponível.”*¹²

Em muitas entrevistas as opiniões se assemelhavam bastante por se tratar de assuntos que fazem parte do senso comum, o que torna o assunto repetitivo . É importante ressaltar que o sentimento de voltar a estudar é comum a todos os alunos, mas sua realidade social é totalmente diferente uma da outra, isso nos possibilita uma reflexão sobre aquilo que se torna comum em realidades tão

¹⁰ Entrevista E.R.S.

¹¹ Entrevista W.A.P.

¹² Entrevista H.B.

distantes. É nesse momento que percebemos o tanto que estamos envolvidos dentro da ideologia¹³ dominante e nem percebemos sua atuação.

O que o aluno irá procurar na escola? Será que ele encontrará na escola aquilo que ele procura? O que a escola pode oferecer a esse aluno? Essas são algumas perguntas que me intrigavam quando comecei a fazer a pesquisa; as respostas surgirão no decorrer do trabalho, não são respostas definitivas mas elucidam um pouco a questão.

É importante perceber que existe uma relação de conhecimento mútuo na entrevista. O aluno entrevistado era induzido a falar sobre o seu cotidiano, um fato que dificilmente seria feito por ele em outra situação, isso possibilitou que ele pudesse refletir sobre aquilo que considerava normal e inevitável, ou seja, tomava consciência daqueles fatos considerados banais e sem importância e percebiam que eles poderiam ser alterados ou transformados dependendo exclusivamente de sua força de vontade.

A Escola e sua problemática

Na atualidade toda a sociedade vive uma crise de paradigmas, mas a escola como instituição é a que melhor reflete essa crise, se encontrando numa situação de ter que “ repensar sua função de uma maneira muito radical,...a crise se revela na forma de poucas respostas e muitas perguntas.”¹⁵ (P.15)

Aparentemente há uma tentativa dos órgãos governamentais em tentar melhorar a qualidade da educação no Brasil. Vários projetos educacionais surgiram e surgem em todo o Brasil para “ tentar ” mudar a cara da educação

¹³ Ideologia compreendida aqui no sentido em que trabalha Marilena Chauí. Ideologia é a forma de exercício da dominação de classe, que é eficiente quando produz um imaginário coletivo onde os indivíduos se localizem e se identifiquem dentro dele, esse auto reconhecimento legitima a divisão social.

¹⁵ . STRICH, Danilo. (Et orgs). Educação Básica e o Básico na Educação. Porto Alegre, Sulina / Unisinas.1996

que está muito mal vista. Cito como exemplo a criação do currículo de 1986 e do currículo de 1991, criados com a esperança de revolucinar a educação.

Mas será que o aluno percebe essas mudanças? Será que na prática essa teoria funciona? São indagações que permeiam toda a pesquisa. Há uma grande preocupação em entender como os alunos percebiam essas intervenções governamentais no seu cotidiano. No que diz respeito a mudança de conteúdo na disciplina de História e a alteração na prática pedagógica de seus professores, nenhum dos alunos entrevistados perceberam essas mudanças no seu cotidiano, isso falando exclusivamente dos alunos que se encontram na escola pública. Todos perceberam que houve um aumento significativo nos recursos audio-visuais dentro da escola, mas tais recursos não são usados pelos professores que permanecem na sua maneira tradicional de dar aulas, o que com certeza desestimula o aluno e demonstra um despreparo do professor para lidar com novas situações no cotidiano.

Apesar dos alunos não perceberem as mudanças “causadas” pelos novos currículos, não se pode negar que eles trouxeram alguns avanços significativos para a educação mineira e em especial para o conteúdo de história incluindo novas vertentes historiográficas. O trecho da entrevista citado abaixo, retrata muito bem a posição do aluno quando ele é questionado sobre o currículo:

*“Eu acho que **“isso aí”** é importante, por que o professor tem que saber passar **“isso aí”** de maneira mais clara, e dosar as vezes pro aluno entender melhor, o professor tem que ter muita cautela nessa hora aí.”¹³*

Não há um entendimento claro da função do currículo dentro da escola, os alunos não conseguem perceber as alterações ocorridas nos conteúdos, a

¹³ Entrevista N.V.T.

implicação ideológica presente nessas mudanças, tudo acontece na maior normalidade.

Várias falhas foram apontadas nesse currículo (1986), como por exemplo:

Falta de capacitação docente;

Falta de definição clara do conteúdo básico;

Falta de equipamentos nas escolas;

Falta de conhecimento do currículo por parte dos professores;

*Inadequação da proposta curricular às condições locais e regionais.*¹⁶

Com todas essas falhas detectadas houve a necessidade de rever e criar um novo currículo que superasse todas as falhas que existiam no anterior, então foi elaborado o currículo de 1991 que tinha como meta “ educação e qualidade para todos ”, e que pretendia criar formas de:

Garantir equipamentos e pessoal capacitados para ensinar em todas as escolas estaduais;

Educação igual para todos os níveis sócio-econômicos;

Professores e especialistas treinados intensivamente para se tornarem capazes de superar o insucesso escolar;

Respeitados os conteúdos básicos, o currículo poderá ser acrescido de atividades e conteúdos;

Entender a História como o estudo das experiências humanas vividas integralmente e

¹⁶ MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Programa curricular de História para 1º e 2º graus. Belo Horizonte.1991.

*socialmente;*¹⁷

É importante perceber que a pretensão desse currículo em resolver essas questões é muito pertinente e louvável, pois realmente são problemas seríssimos no âmbito educacional. Mas como podemos perceber essas metas são muito vagas, tentam abarcar o todo e não dizem na prática como vai ser sua maneira de atuar para que realmente os problemas sejam resolvidos. Aliando-se a isso, o currículo é contraditório, em um determinado momento cobra que o professor de História seja uma pessoa crítica, cobra dele um posicionamento sobre os aspectos vivenciados no cotidiano, mas em contrapartida os conteúdos apresentam-se apenas descritivos e narrativos, saindo da proposta do mesmo, que era de ser crítico.

O currículo é uma forma de direcionar o que deve ter ressonância na vida dos alunos, o que ele deve aprender para ser bem aceito na sociedade e como deve ser a atuação da escola para que seus objetivos sejam alcançados. Alguns autores vêem a escola como uma instituição altamente burocrática, preconceituosa e discriminadora. Carvalho diz:

“ A escola é quase exclusivamente um aparelho de distribuição “dos indivíduos em categorias sociais predeterminadas”. Favorece os já favorecidos, exclui, repele e desvaloriza os já desfavorecidos. Esse “aparelho de distribuição” oculta sua natureza, apresentando-se como tecnicamente determinado. Dessa forma, a divisão social do trabalho determina a divisão da escola em

¹⁷ Idem 16

*duas redes de ensino que levam à reprodução do proletariado e à reprodução da burguesia em redes distintas”.*¹⁸ (P. 15)

Outros autores percebem também essa divisão desigual da escola para favorecer determinada classe social, essas análises giram em torno da teoria da correspondência.¹⁹

“ Os argumentos apresentados por Bowles e Gintis têm levado uma série de pesquisadores a afirmar que esse currículo oculto diferenciado pode ser visto no fato de que aos estudantes da classe trabalhadora são ensinados pontualidade, asseio, respeito pela autoridade e outros elementos de formação de hábito. Aos alunos das classes mais elevadas são ensinados uma mentalidade aberta, habilidades de solução de problemas, flexibilidade e assim por diante, habilidades e disposições que lhe permitirão funcionar como gerentes e profissionais, não como trabalhadores não

¹⁸ CARVALHO, Célia Pezzolo de. Ensino Noturno: Realidade ou Ilusão. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986, 4ª Edição. (Coleção polêmicas do nosso tempo N° 26)

¹⁹ Teoria da correspondência compreendida por Michael Apple como ver a escola o espelho da sociedade. “ A sociedade precisa de trabalhadores dóceis, as escolas através de suas relações sociais e de seu currículo oculto, garantem de alguma forma a produção dessa docilidade, trabalhadores obedientes no mercado de trabalho são espelhados no mercado de “idéias da escola”. Mas segundo sua interpretação essas “ analogias com a imagem do espelho são simplificadoras demais, tanto em relação a escola, quanto ao objeto supostamente refletido, o local de trabalho”. (P.83)

qualificados ou sem qualificação."¹⁹

Percebemos o argumento desses autores como a escola sendo uma instituição meramente reprodutora dos interesses da classe dominante. Segundo Apple essa percepção sobre o currículo oculto que tem o seu foco exclusivamente na reprodução dessa ideologia, exclui todos os outros aspectos que podem estar ocorrendo dentro da escola, quando isso ocorre legitima a desigualdade social, uma vez que tudo se apresenta como pronto e acabado, em vez desses autores criticarem o processo eles colaboram para que essa ideologia se reafirme cada vez mais.

Para Apple se quisermos mudar alguma coisa temos que ultrapassar a teoria da correspondência, por que se vemos a escola apenas em termos reprodutivos nada pode ser feito para melhorar a esfera educacional , pois ficamos preso a uma análise bastante simplificada e superficial de todo o processo.

Sua visão é que não necessariamente os alunos recebem um currículo oculto que os prepara simplesmente para ocupar e aceitar seu lugar nos degraus mais baixos das escalas ocupacionais; as ideologias e os processos podem não levar de forma direta a imposição do controle, seja no local de trabalho, seja na escola. Apple percebe que as normas e os valores que regem a escola são as mesmas que regem o local de trabalho, e que por mais que essas normas estejam presentes no nosso cotidiano, sempre os trabalhadores e os alunos criam maneiras de desafiar o meio. Ele acredita que isso ocorre porque a forma com que as pessoas agem no mundo é em parte determinada pela forma que essa pessoa percebe o seu mundo.

Michael Apple amplia aquela visão onde o currículo aparecia como uma força extrema de controle e subjugação usada pela ideologia dominante, onde o aluno seria um pessoa passiva, ele percebe que realmente essa relação existe,

¹⁹ APPLE, Michael. Educação e Poder. Trad. De Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas.1989.

mas que os alunos não são dóceis como eles gostariam , mas sempre arrumam maneiras de lutar pelos seus ideais, quanto mais há essa tentativa de controle dos alunos, com mais frequência suscita a resistência, o conflito e a luta.

CAPÍTULO III

O abandono escolar : implicações sociais

Conforme as estatísticas apresentadas no quadro 1, o abandono e a repetência chegam a um nível assustador dentro das escolas públicas, somente uma pequena parcela dos alunos conseguem voltar e continuar seus estudos. Vários são os motivos que influenciam esses alunos a abandonarem a escola; nesse capítulo iremos perceber quais são as situações mais frequentes que levam esses alunos a pararem de estudar.

A atuação do Estado na Educação

De acordo com as entrevistas, alguns alunos perceberam que o estado está mais preocupado com a situação educacional do que há alguns anos atrás. As escolas estão mais bem estruturadas e há uma grande preocupação para que os alunos não abandonem as escolas, por isso há um grande incentivo para que todos estudem, de acordo com as falas dos alunos descritas abaixo:

“ Olha com o atual governo eles estão incentivando muito o aluno, o incentivo a escola para que ele não fique atrasado, para

que ele busque a escola, o conhecimento, para que ele aprenda, mas as vezes o próprio aluno não dá chance pra isso.”¹⁴

“ Hoje normalmente todas as escolas estão muito bem estruturada para dar aula, professores bons e uma disciplina muito boa, agora depende muito é do aluno né, depende muito é dos alunos, por que eu acho que o aluno tem que se interessar, por que o professor está ali desenvolvendo o seu trabalho... ele tem que respeitar o trabalho do professor.”¹⁵

Pela percepção dos alunos transcrita acima, podemos perceber que eles atribuem ao aluno toda a “ culpa ” por terem parado de estudar, por não ter uma chance de “ ser alguém na vida ”.¹⁶ Não conseguem perceber nas relações sociais a discriminação que acontecem com eles, tudo aparece com uma normalidade assustadora, a ideologia que está íntima no seu comportamento, no seu pensamento é um reflexo de toda a estrutura de nossa sociedade, onde uma pequena parcela comanda tudo e tem acesso aos meios de informação com muita facilidade e a grande maioria que é excluída do sistema, principalmente da escola.

¹⁴ Entrevista E.R.S.

¹⁵ Entrevista W.A.P.

¹⁶ Em quase todas as entrevistas percebe-se claramente que os alunos vêem na escola uma chance de se realizarem profissionalmente e quando isso não ocorre eles acreditam que não conseguiram por que são incompetentes, não deram conta de alcançar o seu objetivo. Dos que pensam dessa forma a rotina do trabalho e da escola é encarada de uma forma muito natural, onde elas são uma barreira que deve ser transposta, caso não consigam, a responsabilidade recai sobre si mesmo.

Diante desse fato percebemos um dos valores máximos da doutrina liberal: o individualismo, que está presente dentro da escola mas principalmente dentro do local de trabalho, e numa economia aberta como a que vivemos constantemente é inscitado a competição entre os indivíduos, mas nessa competição quem sai ganhando não são os competidores, mas sim quem organizou toda a estrutura para que ela se desse, que são os donos dos meios de produção.

“ O individualismo acredita terem os indivíduos atributos diversos e é de acordo com eles que atingem uma posição social vantajosa ou não. Daí o fato de o individualismo presumir que os indivíduos tenham escolhido voluntariamente (no sentido de fazerem aquilo que lhes interessa e de que são capazes) o curso que os conduziu a um certo estágio de pobreza ou riqueza. Se a autoridade não limita nem tolhe os indivíduos, mas, ao contrário, permite a todos o desenvolvimento de suas potencialidades, o único responsável pelo sucesso ou fracasso social de cada um é o próprio indivíduo e não a organização social”.¹⁷

Infelizmente é essa a ideologia que está presente no nosso meio, a classe dominante tenta fazer com que a sociedade não perceba que essa “ organização social” como está é prejudicial para o homem comum, que ela é discriminadora, preconceituosa e não permite a ascensão social. Esse homem comum não tem como chegar a atingir outros níveis na escala social, apesar que

¹⁷ CUNHA, Luiz A.. A educação e a constituição de uma sociedade aberta. IN: Educação e desenvolvimento social no Brasil, 5º Ed., SP, Francisco Alves, 1980. PP 27/63.

essa ideologia perpassa a idéia de que todos podem chegar lá, dependendo apenas de si próprio. Essa ideologia é reforçada pela visão de escola que os liberais passam para a sociedade.

*“ O principal ideal liberal de educação é o que a escola não deve estar a serviço de nenhuma classe, de nenhum privilégio de herança ou dinheiro, de nenhum credo religioso ou político.... A educação deve estar a serviço do indivíduo , do “ homem total ”, liberado e pleno. ”*¹⁸

Na prática percebemos que essa argumentação é utópica, em todas as instâncias da sociedade existem valores que de uma forma ou de outra beneficiam alguém. Ao transparecer uma posição neutra da escola, está oculto todo o interesse que a classe dominante possui por esta instituição, por que é ela que regimenta as normas e os valores que as pessoas vão ter por toda a vida, não só na escola, mas também no ambiente de trabalho. Ao fazer qualquer análise dessa instituição não podemos ficar presos aos fatos aparentes, a uma análise meramente reprodutora, temos que analisar todo o seu ambiente, porque ela é um universo de lutas e tensões que constantemente está em mutação.

Principais aspectos do abandono escolar

Dentro dos aspectos abordados que levaram o aluno a abandonar a escola, as principais situações sempre se assemelham e possuem muito coisa em comum nas entrevistas, por que os valores e as normas vigentes da

¹⁸ Idem 17.

sociedade inclui todos os alunos. Com a análise dos aspectos sociais podemos entender melhor essa problemática, pois a sociedade possui os seus valores definidos e bastante claro a respeito da educação.

Quando um aluno abandona a escola, a sociedade automaticamente o rotula, o que atrapalha muito mais o seu desenvolvimento.

“ A forte concepção de que o jovem que não estuda, o jovem pobre é malandro, impregna a escola e a sociedade como um todo, como também introjeta-se no aluno, contribuindo para o seu próprio fracasso. Ele já entra na escola sabendo que é um candidato a bomba ou ao abandono. ”¹⁹

Esse pensamento cria no aluno uma sensação de inferioridade que não o deixa crescer intelectualmente, por que ele próprio acha que não é capaz, atrapalhando o seu desenvolvimento. Outro fator que também é altamente discriminatório, é o fato de que o maior índice de abandono ocorre no período noturno, e a sociedade possui uma posição bem clara a respeito do ensino noturno.

“ Chega-se à classe do noturno com o espírito preparado para encontrar alunos mais atrasados, de pior disciplina. Não se sabe se eles são todos assim ou se em parte já há um predisposição nossa e dos alunos, pois os alunos que estudam a noite já sabem que o estudo é mais fraco. Tenho alunos no período

¹⁹ FERREIRA, Fátima Conceição. Paixão e conflito: um estudo sobre o aluno trabalhador de quinta série noturna. Dissertação de Mestrado. UFU. 1997.

da manhã que pedem para estudar à noite para estudarem menos.”²⁰

Percebemos uma dupla discriminação sobre esse aluno, além de estudar no período noturno que hierarquicamente é bem inferior ao do diurno (lembrando que a grande maioria dos alunos que abandonam a escola são do período noturno), a sociedade ainda o vê como um malandro pelo fato de não estar estudando. Alguns alunos reconhecem que realmente houve falta de vontade e um comodismo muito grande de sua parte para continuar estudando, mas está longe ser considerado um malandro, uma vez que todo o restante das suas atividades permanecem inalteradas ou em alguns casos foi intensificada.

O distanciamento entre a teoria e a prática é outro grande agravante, em um determinado momento o aluno não conseguia compreender onde a escola era necessária na sua vida cotidiana,

“ Por que você começou a trabalhar e você vê que muita coisa não estava se encaixando, o que você estava aprendendo na teoria, você via que não era essa a realidade na prática, aí dá aquela desilusão...”²¹

O aluno ao perceber que tudo aquilo que ele via na escola não estava sendo aplicado no seu dia a dia, criava-se no seu imaginário que não havia nenhuma necessidade de estudar, caracterizando mais um agravante para que largasse a escola,

“ Achava que nunca o estudo ia me fazer falta, naquele momento o que eu tinha estava bom demais pra mim.”²²

²⁰ CARVALHO, Célia Pezzolo. Ensino Noturno: Realidade e ilusão. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 1987, 4ª Edição. (Polêmicas do nosso tempo nº 12).

²¹ Entrevista W.L.N.

²² Entrevista J.G.S.

A análise da influência do trabalho no desenvolvimento escolar do aluno é muito complexa, há casos que aparentemente o trabalho não atrapalha, como veremos abaixo:

“ Mesmo que você trabalhe , você vai ter que arrumar um tempo pra você estudar ou você estuda ou fica pra trás, quanto ao aluno achar que o trabalho atrapalha , isso é uma grande desculpa pra fugir da sua responsabilidade, por que é o medo de você crescer na vida, de você aprender, o trabalho não atrapalha, ele só engrandece a pessoa , e se fugir da escola , no trabalho ele vai ser discriminado. ”²³

O relato desse aluno nos esclarece alguns pontos; ele retoma a discussão feita anteriormente onde o aluno trás prá si toda a responsabilidade de seu fracasso escolar ; demonstra que a ideologia dominante está intrínseca no seu cotidiano , ele acha que o fato do aluno ter que trabalhar não atrapalha os seus estudos , o trabalho “ engrandece a pessoa ”, não há uma reflexão crítica sobre as situações adversas que podem influenciar decisivamente para esse abandono; e o aluno chegou a uma constatação muito interessante, ele percebeu que existe uma discriminação dentro do ambiente de trabalho sobre aquele aluno que parou de estudar, tal aspecto iremos discutir mais a frente .

Essa visão que o trabalho não atrapalha os estudos, não é compartilhada com a maioria das entrevistas, que vê nessa relação de aluno trabalhador um dos fatores primordiais que ocasionam o abandono escolar.

“Todo dia tinha aquele tal de cerão, ficar até mais tarde um pouquinho, porque o emprego

²³ Entrevista E.R.S.

pra mim ajudava, aqui em Uberlândia a situação era mais difícil, todo mundo trabalhava e eu tinha que ajudar na despesa também, então eu não podia sair do emprego por causa do estudo, quer dizer, é uma coisa que as vezes o sistema financeiro obriga a gente a cair nessa.”²⁴

De acordo com esse trecho da entrevista é visível que o aluno atribue ao fato de trabalhar o abandono da escola, segundo a sua maneira de pensar as empresas não se mostram interessadas em proporcionar aos seus funcionários condições no mínimo satisfatórias para que continuem estudando, trabalham efetivamente para explorarem sua mão de obra. Uma reclamação bastante comum nas entrevistas é a respeito do cansaço, do sacrifício, quando o aluno chega na escola não está aguentando mais nada, ocasionando um grande desestímulo pela escola, e conseqüente, afetando negativamente a sua aprendizagem.

Outro aspecto bastante comum nas entrevistas, é que muitos alunos são remanescentes da zona rural. O fato desses alunos morarem na “roça” realmente trazia um grande transtorno na sua vida escolar; há algum tempo atrás não havia uma preocupação em garantir que os jovens da zona rural tivessem uma educação com qualidade, as escolas eram bem afastadas das casas dos alunos, o serviço era muito pesado, o que ocasionava a chegada em casa muito cansado, todos esses fatores dificultavam o seu acesso a escola.

Havia também uma preocupação por parte do aluno que sentia-se discriminado; achava que o aluno da zona urbana tinha muito mais oportunidade do que eles que se encontravam na zona rural.

²⁴ Entrevista E.T.P.

“Eu morava na zona rural que não tinha recurso, a escola era fraca, eu morava no distrito de Monte Alegre, as professoras que davam aulas pra gente lá eram professoras bem fracas, a gente que era aluno sabiam que elas eram bem fracas.”²⁵

O aluno sentia-se inferiorizado por estudar em um escola da zona rural, essas escolas não possuíam todas as séries do 1º grau, o que forçava o aluno a parar de estudar ou mudar para outra região com o intuito de continuar estudando. A escola do zona rural não tinha uma infra estrutura que suportasse todo o ensino do primeiro grau, era uma estrutura deficiente e arcaica, isso na visão dos alunos.

A falta de uma estrutura familiar também foi comum em algumas entrevistas. Os alunos se queixavam que os pais não tinham interesse pela sua vida escolar, mas pelo contrário, a única preocupação dos pais eram que seus filhos comessem logo a trabalhar para ajudar no sustento de sua família, por isso começaram a trabalhar bem pequeno, antes mesmo dos 14 anos, idade em que toda criança deveria estar na escola.

A consciência da necessidade

Durante o período que esse aluno esteve fora da escola, ele sofreu consequências de sua atitude dentro da sociedade, como havíamos falado anteriormente a sociedade é bastante discriminadora a esse respeito, forçando o aluno a pensar na escola mesmo estando afastado dela. Ele percebia que de alguma forma teria que voltar a estudar. É importante perceber que o fato de ter

²⁵ Entrevista W.A.P.

voltado a estudar é resultado de uma intensa reflexão realizada pelo aluno, influenciada por todos os aspectos sociais a sua volta, vários fatores ligados a sua vida pessoal e profissional fizeram com que ele tomasse essa atitude.

Existiu inúmeros motivos que influenciaram o aluno a voltar para a escola, como a necessidade de adquirir novos conhecimentos, exigência do mercado de trabalho, ambiente positivo dentro da escola, cobrança da família, etc. Os principais motivos encontrados nas entrevistas serão discutidos a partir de agora. Nas entrevistas ficou evidente que vários fatores influenciaram o aluno a voltar a estudar, mas em todas elas o principal motivo foi a exigência do mercado de trabalho.

Em algumas entrevistas os alunos perceberam a necessidade de saber mais, todo o conhecimento adquirido é importante em tudo o que você vai fazer, desde as situações mais simples até as mais complexas.

“ Eu acho que nunca é tarde para aprender alguma coisa e quando a gente estuda temos a oportunidade de ver assuntos diferentes, a gente vai se relacionando com pessoas diferentes que sabem mais do que a gente, aí tudo fica diferente na visão da gente.... ”²⁶

Essa é uma constatação que realmente é muito interessante, o aluno percebe que à medida em que vai aprendendo, adquirindo novos conhecimentos, a maneira como vê a sua realidade vai se transformando. Freire discute e analisa essa questão, abordando o aspecto social, onde as pessoas que possuem menos conhecimentos são mais fáceis de serem enganadas, acrescentando que esse é um problema enfrentado dentro da própria educação, que não tem interesse em tornar o aluno uma pessoa crítica.

²⁶ Entrevista W.A.P.

“ Quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingênuamente tratamos os problemas e discutimos superficialmente os assuntos. Esta nos parecia uma das grandes características da nossa educação. A de vir enfatizando cada vez mais em nós posições ingênuas, que nos deixam sempre na periferia de tudo o que tratamos. Pouco ou quase nada, que nos leve a posições mais indagadoras, mais inquietas, mais criadoras.”²⁷

Tal situação pode ser considerada uma tática usada pela classe dominante, onde não interessa levar as discussões mais importantes da sociedade para serem discutidas no ambiente escolar, na tentativa de tornar a população cada vez mais fácil de ser manipulada. Mostra a educação que não leva o aluno a reflexão sobre os seus problemas, a descobrir através da pesquisa, não possibilita ao aluno a aquisição de novos conhecimentos perdendo com isso sua essência. Importante ressaltar que tais problemas foram detectados no final da década de 70 e que continuam presentes até hoje.

Existem obras mais recentes que percebem essa ideologia intrínseca no cotidiano escolar, e mesmo assim vê na escola um espaço privilegiado de discussão.

“ A escola apesar de sua funcionalidade para a reprodução de velhas estruturas, exerce, enquanto lugar de encontro, de lazer e de intercâmbio entre crianças de diferentes sexos, religiões, origens regionais e sócio-econômicas, um papel positivo no resgate das

²⁷ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 7ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977. Pag. 85/122.

estruturas formais de consciência, contribuindo, ainda que de forma não intencional, para a construção das competências morais, lógicas e linguísticas dos estudantes (...)Um espaço de “livre circulação” das ideologias, podendo, por isso mesmo, constituir um lugar privilegiado para a ruptura da hegemonia ideológica de uma classe ou fração de classe.”²⁸

Apesar de toda a ideologia presente no cotidiano escolar, ela ainda é um lugar privilegiado de discussão, ali estão presentes todos os valores da sociedade devido a diversidade de sua clientela, ocasionando constantemente um embate de valores, o que sem dúvida nenhuma proporciona um crescimento para as parte em discussão. Para alguns alunos a escola surge como imposição e não como um lugar que proporcionará novos conhecimentos úteis em sua vida cotidiana.

“ Bem, o retorno sinceramente foi mais uma exigência profissional (...), eu sinceramente respondo no meu caso, eu voltei nem tanto por acreditar que a escola ia ampliar em grande parte o meu conhecimento, mas sim pela necessidade de ter uma bagagem, um currículo para estar empregável.”²⁹

Percebemos que o aluno não acredita na educação, que ela não tem muita importância na sua vida no que diz respeito ao conhecimento, ela é importante apenas para mantê-lo “ empregável ”, por que a realidade mostra que a pessoa

²⁸ FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. São Paulo:Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 26)

²⁹ Entrevista W.L.N.

que não tem estudo dificilmente irá conseguir trabalho. A importância que o aluno vê na escola é somente na parte burocrática, ou seja, a emissão dos certificados de conclusão do curso. Essa visão da escola é muito grave, por que sai totalmente de seus pressupostos básicos, que é propiciar ao aluno conhecimentos necessários para que ele alcance a cidadania plena.

Hoje a grande preocupação dos alunos é com o mercado de trabalho, para esses alunos que estavam fora da escola a preocupação é muito maior, por que eles sentem na prática essa realidade. Todas as entrevistas trazem como principal “ motivação ” para voltar a estudar a questão do trabalho, eles percebem que se não voltarem a estudar vão ser demitidos e terão muita dificuldade de arrumar outro emprego.

“ A gente nota que o grau de escolaridade é baixo, não tem qualificação, e se a gente não abrir a cabeça em relação aos estudos a gente vai ficar no que está, e na empresa a chance da gente ganhar uma promoção é muito restrita, tá arriscado a gente perder até o emprego. ”³⁰

O aluno percebe que a cobrança da empresa para que seus funcionários tenham uma boa escolaridade é um fato, e se o trabalhador não se conscientizar disso o seu emprego corre um sério risco.

Há uma crise mundial de emprego , e as empresas percebendo essa realidade tentam tirar proveito da situação, por que tudo está a seu favor. Cada vez mais as empresas estão se modernizando, o que tira diretamente milhares postos de trabalho, causando o desemprego em massa. Além do desemprego, os que permanecem empregados passam por um processo de desqualificação, quando é retirado dele o conhecimento de todo o processo produtivo, centralizando-o na produção de uma pequena parte do processo. Com um grande

³⁰ Entrevista N.V.T.

exército de reserva e a desqualificação em massa do trabalhador permite a empresa a troca constante de funcionários com a mesma qualificação dos anteriores e com salários cada vez mais baixos.

“ Senti necessidade de que o estudo estava fazendo muita falta, por que como o país está mudando, a tecnologia está tomando conta de tudo e com a tecnologia vem os estudos, se você não tem estudo, você não tem como operar nada (...), se você não estudar não consegue nada nesta vida. ”³¹

A tecnologia é vista como o principal motivo para justificar a atual situação, os alunos atribuem a tecnologia toda a culpa pelo caos enfrentado atualmente dentro da nossa sociedade, não conseguem analisar todo o processo e desvincular a tecnologia dos interesses das classes dominantes que estão por trás desse avanço e acreditam que a escola é a melhor maneira para se adequar a esse novo tempo.

“ A tecnologia está cada vez mais avançada e a cada vez que ela avança ela exige mais conhecimento e diminui mais gente nas fábricas, se você não adquirir esse conhecimento você fica fora do mercado de trabalho e o lugar mais fácil de adquirir esse conhecimento é na escola. ”³²

Essa interpretação da tecnologia como uma das principais causas do caos vivido na atualidade é equivocada e demonstra mais uma vez que a interpretação da realidade feita pelos alunos continua acrítica. De acordo com Enguita, a tecnologia por si só não tem motivos para causar o desemprego e a

³¹ Entrevista E.T.P.

³² Entrevista E.R.S.

desqualificação dos trabalhadores, quem tem esse interesse é quem se beneficia direta ou indiretamente dela, como os empresários e o Estado. Com a desqualificação do trabalho, ocasionado pelo aumento intensivo da tecnologia, o empresário ganha mais capital e mais controle da situação. Mais capital, quando a tecnologia proporciona uma produção muito maior do que a conseguida anteriormente, aumentando assustadoramente seus lucros, e o controle da situação, a partir do momento que retira do trabalhador o conhecimento necessário para a produção do produto, transformando o trabalhador num receptor de ordens vinda da máquina, que não possui autonomia pra nada, ocasionando total desqualificação de sua mão de obra.

Para Paulo Freire a produção em série foi um dos pontos mais negativos para o desenvolvimento do homem dentro da sociedade.

“ A produção em série , como organização de trabalho humano, é possivelmente, dos mais instrumentais fatores de massificação do homem no mundo altamente técnico. Ao exigir dele comportamento mecanizado pela repetição do mesmo ato, com que realiza uma parte apenas da totalidade da obra, de que se desvincula, “domestica-o”. Não exige atitude crítica total diante da sua produção. Desumaniza-o. Corta-lhe os horizontes com a estreiteza da especialização exagerada. Faz dele um ser passivo, medroso, ingênuo. ”³³

Esse modo de produção cumpre bem o papel que a classe dominante estabelece, e que na maioria das vezes passam despercebidos pela população,

³³ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 7ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra.1977. (Pag.85-122.)

não percebendo que por trás da tecnologia é que se encontram os verdadeiros culpados pela sociedade desigual em que vivemos.

Para não ficar fora desse mercado competitivo que o capitalismo impõe, vários alunos perceberam que os cursos profissionalizantes são importantes como a escola formal, esses cursos são exigidos como uma complementação no seu currículo para que possa almejar um emprego melhor.

*“ Hoje você vê que quem não tem o segundo grau completo, ele não representa nada no mercado de trabalho, se você não tem o segundo grau e não tem um curso de digitação, de mecânica, infelizmente você não tem nem condição de fazer um currículo para mandar para as empresas. ”*³⁴

Houve um aumento significativo dos alunos á procura de algum curso informal para melhorar sua capacitação profissional , eles percebem que não é só a escola formal que está tendo oportunidade de trabalho, mas também essa educação informal possui um campo de atuação bastante promissor. Ha uma tentativa do aluno em levar as duas opções paralelamente para que isso facilite sua vida futura.

A visão da educação como redentora da sociedade tem sido questionada nos últimos anos. Há algum tempo atrás a educação era vista como um trapolim social, se você conseguisse estudar praticamente conseguiria subir na hierarquia social.

“ Há uma crença muito difundida atualmente, de que a educação escolar é um meio eficaz e disponível para que as pessoas possam melhorar sua posição na sociedade. Se as

³⁴ Entrevista W.A.P.

peessoas em pior posição puderem ingressar na escola pública e tiverem motivação para utilizar construtivamente as aquisições intelectuais por ela propiciada, será certa a melhoria da sua posição.”³⁵

Apesar da burguesia tentar transparecer essa “lógica”, os alunos se conscientizaram que a educação é importante mas não é tudo, eles perceberam que o estudo faz muita falta na hora de arrumar um emprego, mas ele não é uma garantia para que ele consiga esse emprego. Em todas as entrevistas este fato fica evidente:

*“ Por que hoje com as evoluções que teve e está acontecendo se a gente não entrar na competição, a gente vai ficar para trás mesmo, apesar de terem pessoas formadas aí sem emprego, mas se a gente não brigar para isso as chances são bem menores, as dificuldades de quem não tem estudo é muito maior de quem tem estudo.”*³⁶

O aluno percebe o alto grau de competitividade existente na sociedade, e se não for através de seu esforço com a escola ele fica fora definitivamente do mercado de trabalho, não que a escolaridade lhe dê a garantia do emprego, mas como ele mesmo diz, suas chances são bem maiores do que aquele indivíduo que não tem estudo.

“ Olha , hoje em dia, a gente vê muita gente estudada que não tem emprego, e muita gente

³⁵ CUNHA, Luiz A..A educação e a constituição de uma sociedade aberta.IN: Educação e desenvolvimento social no Brasil.5ª ed., SP, Francisco Alves, 1983. (Pag. 27-63.)

³⁶ Entrevista N.V.T.

que não tem estudo bem empregado nas firmas, então a gente percebe que não necessariamente quem tem estudo irá ter um bom emprego e ganhar bem, com certeza ele terá um pouco mais de chance do que aquele que não tem estudo."³⁷

Pelo trecho acima, fica evidente que não existe uma sintonia perfeita entre a escola e o mercado de trabalho, existe uma maior “ chance ” dentro desse mercado para quem tem estudo. A classe dominante tenta transparecer outra realidade, para que todas as pessoas das classes mais baixas permaneçam na escola para que continuem almejando alcançar outros níveis na escala social, esse é um fator que legitima e dá força a essa classe dominante, por que sempre há uma esperança das classes inferiores em atingir o poder conseguido pela burguesia, e isso faz com que ela não se revolte porque quer chegar ao mesmo lugar.

“ Evidentemente que existem casos de mobilidade social e mesmo a passagem de uma classe social para outra a partir da aquisição de habilidades e conhecimentos. No entanto, estes casos não constituem a regra. São antes, exceções, mas que passam como se fossem regras, por que assim é necessário ara a legitimação da ideologia promocional da escola. Na maioria das vezes a educação opera como mecanismo confirmador da posição social já adquirida anteriormente e, através

³⁷ Entrevista M.C.S.

desta atuação, como mecanismo justificador das desigualdades sociais existentes.”³⁸

Apesar dos alunos perceberem que não existe essa relação direta entre escolaridade e emprego, depositam toda a sua esperança de um futuro melhor na escola, fato compreensível, porque na sua atual posição social não existe outra opção a não ser estudar .

“(…) O conselho é o seguinte, volte a estudar, por que se você não estudar, não consegue nada nesta vida”.³⁹

“ O meu futuro depende exclusivamente de mim e de mais ninguém, eu que tenho que lutar com minhas garras para poder ser alguém na vida”.⁴⁰

“ Voltei a estudar para conseguir uma promoção na empresa onde eu trabalho, ou então garantir onde eu estou, por que tá arriscado a gente perder o emprego”.⁴¹

Os alunos percebem que suas chances no mercado de trabalho mesmo voltando a estudar são restritas, mas por falta de opção, apostam todo seu futuro na escola, como foi discutido anteriormente, esses alunos compactuam com a “ideologia promocional da escola” por que diretamente ele procura uma ascensão social com sua volta a escola. Percebemos que essa situação para o aluno pode ser até frustrante, por que ao depositar toda sua esperança na escola ele espera algum retorno exterior. Canivez percebe na concepção kantiana de escola como é essa relação com o trabalho.

³⁸ MACHADO, Lucília R. de Souza. Educação e divisão social do trabalho. São Paulo: Autores Associados:Cortez,1982.

³⁹ Entrevista E.T.P..

⁴⁰ Entrevista W.A.P.

⁴¹ Entrevista N.V.T.

“o hábito essencial que se adquire na escola é o hábito do trabalho. O trabalho é de fato definido por uma situação de constrangimento, ligada a uma finalidade exterior a própria atividade: resultado, produto, remuneração, etc. Trabalhar é, portanto, renunciar a uma satisfação imediata, aceitar sujeitar-se a uma atividade penosa e remeter para mais tarde a posse, o consumo, o gozo deste ou daquele bem, em uma palavra adiar a satisfação do desejo.”⁴²

Ao depositar sua esperança na escola, o meio “teoricamente” mais fácil de conseguir bons empregos com melhores salários, mas isso na realidade não acontece, a grande maioria dos alunos não conseguem alcançar seu objetivo causando uma grande frustração ao aluno uma vez que ele renunciou a “uma satisfação imediata” para alcançar sua meta. Como essa meta nunca vai ser alcançada ele se sente incapaz, incompetente e fragilizado atribuindo a si próprio toda a responsabilidade pelo seu “fracasso”. Ele não consegue visualizar que as metas por ele estabelecidas são praticamente inacessíveis, não pelo seu talento individual mas sim pelas condições sociais que estão a sua volta.

⁴² CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão? Trad. Estela dos Santos, Cláudio Santoro. Campinas. SP. Papirus, 1991 (Pág. 33-71).

Capítulo IV

Qual a situação da escola?

“A escola é uma antiga e tradicional instituição, o que importa, porém, é que a velha instituição seja capaz de gerar o novo.”⁴³

A escola indiscutivelmente vem passando por um momento de reestruturação, essa capacidade de “gerar o novo” não vem ocorrendo como deveria, talvez por desinteresse político que apresentam projetos que não solucionam os problemas na prática, ou talvez porque sua dinâmica de trabalho não tenha evoluído tão rápido como as mudanças ocorridas dentro da sociedade. Tais questões iremos discutir nesse capítulo.

O papel da escola dentro da nossa sociedade é a transmissão do saber adquirido historicamente, evidentemente resgatado de uma forma coerente pela ciência, onde “teoricamente” não poderia haver discriminação, preconceito, favorecimento de alguma classe social, etc. O seu trabalho seria formar um cidadão pleno e crítico, capaz de compreender toda a sua importância dentro do processo, entender que ele é um agente histórico atuante capaz de mudar a sua vida e também a vida da sua comunidade.

Um fato que é encontrado na maioria das entrevistas, é a respeito do aumento significativo dos recursos técnicos dentro da escola, como o vídeo, a

⁴³ MENEGOLA, Maximiano. E agora, Escola? Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1992

televisão e as vezes o computador. O governo tem se preocupado em mandar esses equipamentos para as escolas, mas não se preocupa em propiciar aos professores um local de trabalho adequado para que possa trabalhar com esses recursos, é bastante comum existir o equipamento na escola mas não ter como usá-los, isso gera uma insatisfação por parte do aluno.

“O que causa um grande desinteresse do aluno é a monotonia, os professores tem que ter capacidade de variar as suas aulas, não só ficar em cima dos livros, mais usar o vídeo, a televisão, porque assim ele pode chamar a atenção do aluno novamente”⁴⁴

Há uma cobrança do aluno para que o professor utilize os recursos disponíveis dentro da escola, para que ele consiga propiciar aulas mais “interessantes” aos alunos, só que eles não percebem que a estrutura escolar não ajuda o professor, geralmente a escola possui somente uma sala de vídeo, o que pressupõe um agendamento anterior para que ele possa usar a sala, outro motivo que os professores alegam que dificulta esse tipo de trabalho, é o pouco tempo de seu horário, para uma eventual aula na sala de vídeo, ele tem que negociar com outros professores a liberação dos alunos, esses problemas são frequentes por que a estrutura da escola não permite uma flexibilidade aos professores, as suas normas são rígidas e tem que ser seguidas.

Quando o professor consegue usar os recursos disponíveis dentro da escola, geralmente usa de forma inadequada, onde não define com clareza os objetivos a serem atingidos, usa-se mais como forma de recreação do propriamente como fonte de informação e conhecimento.

Grande parte dos alunos entrevistados largaram a escola na década de 80, então presenciaram a educação do regime militar. Todas as entrevistas desses

⁴⁴ Entrevista E.R.S.

alunos relatam que a escola melhorou bastante, ela tornou-se mais democrática, mais aberta a participação do aluno, com essa liberdade eles aprendem muito mais.

*“O que melhorou muito nas escolas foi a participação dos alunos, que no tempo que eu estudei, o aluno quase que não podia falar nada, ele tinha só que aprender calado,(...) nossa escola era muito primitiva, hoje melhorou muito, elas são mais democráticas”.*⁴⁵

Eles perceberam que houve um avanço bastante significativo nas escolas, antes a repressão era uma constante dentro do ambiente escolar para impedir qualquer proliferação de uma ideologia contrária ao militarismo, hoje a situação é outra, os alunos acreditam que a escola é seu espaço de discussão, onde eles levantam as questões e discutem a vontade.

*“Todo mundo tem condições de participar, de fazer críticas daquilo que acha que deve ser feito,(...) hoje as aulas são participativas, por exemplo, o aluno participa da aula, ele sempre expõe alguma coisa relacionada ao assunto”.*⁴⁶

Realmente devemos admitir que hoje as escolas são mais democráticas, permitindo uma maior participação do aluno, mas não devemos nos esquecer que sua participação é condicionada ao conteúdo que está sendo exposto pelo professor, tal conteúdo foi criteriosamente selecionado no currículo, ele participa “quase sempre”, dentro dos moldes aceitos pela ideologia dominante. Para que realmente o aluno se torne uma pessoa crítica ele depende muito da

⁴⁵ Entrevista H.B.

⁴⁶ Entrevista W.A.M.

atuação dos seus professores, que de uma maneira ou outra conseguem ampliar essas brechas concedidas.

Uma constatação muito interessante percebida nas entrevistas, foi que alguns alunos notaram que houve um deslocamento da aquisição de conhecimento dentro da sociedade,

“Antigamente o único meio de conhecimento era a escola, a mídia, os meios de comunicação não era acessível em larga escala pra todo mundo, com isso ele só tinha esse conhecimento lá na escola, hoje ele não depende tanto da escola, ele tem uma preparação muito grande fora da escola, com os meios de comunicação, no meio de trabalho, uma estrutura social que evoluiu, em consequência, a escola também tinha que evoluir, o aluno está indo para lá mais preparado.”⁴⁷

Aquele conhecimento adquirido somente com a escola não existe mais, hoje este conhecimento está diluído em todos os lugares da sociedade, palpável a qualquer um, pois todos nós estamos inseridos dentro da estrutura social, temos fácil acesso aos meios de comunicação, possuímos toda uma experiência política adquirida no nosso ambiente de trabalho, existe uma grande quantidade de cursos profissionalizantes fora da escola, etc. Todos esses aspectos contribuem para que a escola perca o seu status social, talvez isso justifique o seu “pacto” com a ideologia dominante, enquanto a escola passa aos seus alunos aquilo que é interessante para a manutenção e a perpetuação dos interesses da burguesia, ela por sua vez garante o status social da escola,

⁴⁷ Entrevista W.L.N.

quando exige dos trabalhadores um certificado de conclusão dos cursos oferecidos pela escola. Não quero dizer que a escola não é necessária, pelo contrário, ele possui um papel imprescindível dentro da nossa sociedade, enquanto lugar privilegiado de discussão, estou questionando a forma como ela encara esse conhecimento disperso dentro de toda a sociedade e o tratamento desigual que existe entre o ensino formal e informal, onde o último não tem valor nenhum sem o primeiro. Mas não esquecendo que essa relação de submissão ideológica não passa passivamente dentro da escola, os alunos criam formas de lutar pelos seus interesses, como já discutimos no segundo capítulo.

Como meio de comunicação acessível a todo mundo, se destaca a televisão, que de acorco com Penteado, os alunos passam mais tempo assistindo tv do que envolvidos com suas atividades escolares, analisando o período que os alunos se dedicam a educação dentro e fora da sala de aula. Alguns alunos atribuem a televisão, uma oportunidade de encarar a educação de uma forma mais prazerosa, até mesmo revolucionária.

“ Os professores hoje conhecem mais, a própria televisão hoje é o meio de comunicação que passa uma História diferente, uma nova História.”⁴⁸

Hoje vivemos numa sociedade que preza a linguagem visual, tal fato se comprova com o aluno que interessa mais pela televisão do que pela escola. A escola prioriza a linguagem escrita, o que causa um desapontamento ao aluno, uma vez que seu cotidiano baseia-se na linguagem oral e principalmente visual, ou seja, aparentemente a escola está na contramão do restante da sociedade. Indiscutivelmente a linguagem escrita é fundamental no desenvolvimento intelectual do aluno, mas há uma necessidade dessa prática pedagógica ser revista e readaptada a essa nova realidade.

⁴⁸ Entrevista W.A.P.

A escola e a tv tem muita coisa em comum no que se refere a aprendizagem, segundo Penteado:

*“ O que a escola pretende que o aluno aprenda? Modos de falar , padrões de comportamento, modos ou parâmetros de julgamento, informações ou conteúdos, padrões de análise. Pela televisão (...) o que aprendem? Modos de falar, slogans, padrões de comportamentos, modos e/ou parâmetros de julgamento, informações, padrões de análise.”*⁴⁹

Percebemos que os objetivos da aprendizagem são basicamente os mesmos, tendo como principal diferença a linguagem usada na transmissão do conhecimento. Há necessidade da escola realmente rever sua posição no que diz respeito ao uso da linguagem oral e visual, tão presente no nosso cotidiano, o conhecimento transmitido através dessas formas de linguagens estão abandonadas dentro da escola e elas são importantes para uma melhor compreensão da realidade.

O uso da televisão como fonte de conhecimento, como é o caso da tv escola, usada como o único meio para a transmissão do conhecimento, requer alguns cuidados por parte do professor para que seus alunos não saiam prejudicados, ela como fonte de informação é muito importante, mas não pode ser usada como única fonte de conhecimento, caso seja, ela esmaga a criticidade do aluno, uma vez que não há o diálogo, o debate, a discussão, nada pode ser questionado por que vem pronto e acabado para o aluno, que recebe passivamente aquele amontoado de informações. Tudo tem que ser condicionado de acordo com as necessidades dos alunos, trabalhar com

⁴⁹ PENTEADO, Heloísa Dupas. Televisão e escola: Conflito ou cooperação? São Paulo:Cortez.1991 (Coleção Educação contemporânea)

conteúdos que são vivenciados por eles, mesclando todas as linguagens disponíveis, para que seu processo de aprendizagem ocorra da melhor maneira possível.

O uso da linguagem escrita é usada em larga escala pela escola, mas essa situação se agrava quando o único material que o professor usa dentro da sala de aula é o livro didático.

“ Quando o professor pega um livro, e fica lá no livro, só falando daquilo, você tira totalmente o interesse do aluno, (...), e os trabalhos é feito assim, você pega da pág. 115 até a pág. 140 do livro e resume, isso tira o interesse do aluno.”⁵⁰

O aluno exige do professor um trabalho de pesquisa, que ele busque outros materiais disponíveis para serem usados nas suas aulas para que se evite a monotonia. Aquele professor que usa somente o livro didático dentro da sala de aula é mal visto pelos alunos, por que eles percebem que sua aprendizagem fica muito limitada e suas aulas bastante cansativa. Essa atitude do professor compromete toda a atuação da escola dentro da sociedade, por que ela não consegue realizar de forma eficiente uma educação de qualidade, para que esse aluno se torne um verdadeiro cidadão.

A disciplina de História: avanços ou retrocessos

Como discutimos anteriormente, o aluno chega na escola com um conhecimento elaborado dentro da sociedade, através de sua prática cotidiana,

⁵⁰ Entrevista E.R.S.

permitindo a esse aluno efetuar uma cobrança mais efetiva sobre o professor. Como a História é uma disciplina que exige uma visão crítica do professor sobre a sociedade em que vive, essa junção pode se tornar positiva, por que o professor vai trabalhar efetivamente em cima desse conhecimento elaborado pelo aluno fora da sala da aula, ou seja, irá trabalhar com fatos que realmente interessam para a vida do aluno, são fatos vivenciados na prática.

O trabalho do professor quando é elaborado com o cotidiano de seu aluno, evita que sua aula se torne uma rotina, que é uma das principais reclamações dos alunos sobre a disciplina de História. Para o professor é muito mais cômodo trabalhar da maneira como sempre trabalhou, não se comprometendo e nem se responsabilizando pelos resultados de sua prática pedagógica, esse tipo de comportamento ainda é bastante comum nos professores das escolas públicas. Caso queiram melhorar a educação, terão que mudar sua prática dentro da sala de aula, tornando-se professores mais comprometidos, despertando nos seus alunos um sentimento crítico, propiciando um melhor entendimento de sua realidade.

Paulo Freire tem uma visão muito negativa da prática pedagógica executada por alguns professores dentro da sala de aula.

“ Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, por que recebendo as formas que lhes danos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo,

*que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.*⁵¹

Essa interpretação do trabalho do professor é desanimadora, mas ao final desse trecho, ele chama atenção para uma alteração que terá que ser feita para mudar a prática pedagógica, essa prática “ exige reinvenção ”, por que fica evidente que da maneira como está não traz os resultados esperados. Em algumas entrevistas os alunos perceberam que os professores não proporcionavam a eles um conhecimento duradouro do conteúdo, questionados sobre a aprendizagem as respostas eram bem semelhantes.

*“ Na disciplina de História eu não me lembro de mais nada, a gente decorava tudo e quando a gente decora, a gente não aprende e logo, logo você esquece tudo, esse é o meu caso.”*⁵²

Esse é o tipo de educação que não tem sentido existir, uma vez que não possui nenhum resultado efetivo. Esse tipo de ensino é favorecido pelo uso do livro didático como única referência para o professor. Os alunos também percebiam esse tipo de atitude por parte do professor.

*“ Antigamente o professor de História sabia aquilo que eles liam no livros (...), então os professores eram bem fracos, eles conheciam muito pouco de História, com isso todos os alunos saíam muito prejudicados.”*⁵³

O aluno atribuía o pouco conhecimento do professor ao fato dele ter como único ponto de referência o livro didático, esse livro passa para o aluno uma História pronta e acabada, tornando-a inquestionável. A aula de História

⁵¹ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 7ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977. Pag. 85/122

⁵² Entrevista E.T.P.

⁵³ Entrevista W.A.P.

nesses moldes nunca atraiu a atenção de nenhum aluno, atualmente com a bagagem que o aluno traz de casa, do ambiente de trabalho, da igreja, etc; essa situação agravou-se ainda mais, o aluno está exigindo do professor outro tipo de aula, com a inclusão de jornais, revistas, vídeos, etc. Ela não se interessa mais pela

“ História mais voltadas a vultos e datas, com uma idéia fantasiosa do que realmente aconteceu, talvez por que não era permitido expor os fatos devido a um posição política da época. ”⁵⁴

O aluno não que mais aquelas aulas “ massantes ”, ele procura uma aula dinâmica que trabalha com os problemas enfrentados no seu cotidiano, segundo as entrevistas, esse tipo de educação é encontrado com mais frequência nas escolas particulares, que possuem uma educação com mais qualidade do que as escolas públicas, por isso há uma grande quantidade de alunos largando a escola pública para estudar nas instituições privadas, conforme discutimos anteriormente.

O professor de História aumentou muito o conhecimento de seu conteúdo nos últimos tempos, isso na visão da maioria dos alunos entrevistados, que atribui essa melhora , a uma exigência imposta pelo próprio aluno.

“ O conhecimento do professor de História hoje é bem maior, muito maior, sem dúvida alguma (...), ele teve que evoluir devido a exigência do aluno, a cobrança que o aluno tem hoje para com o professor é muito grande. ”⁵⁵

⁵⁴ Entrevista W.L.N.

⁵⁵ Entrevista W.A.P.

É interessante perceber que os alunos vêem que seus professores estão melhores qualificados do que a algum tempo atrás, de uma forma ou outra, eles procuram aprimorar o seu conhecimento para “teoricamente” satisfazer as necessidades de seus alunos. Não são todos os professores que se dispõem a ensinar bem o seu conteúdo, mesmo sendo um “profissional” bem qualificado para desempenhar sua função, alguns alunos se queixam da falta de interesse desses professores na hora de ensinar o conteúdo.

“O professor de História domina o conteúdo, apesar de algumas falhas (...), parece que ele não tem interesse em passar o conteúdo para os alunos, as vezes por causa do baixo salário do cara, ele não tem tanto esforço para ensinar o aluno. As vezes até o professor é competente, mas ele não tem interesse em passar esse estudo que ele conseguiu para o aluno, um ensino mais qualificado, um ensino de melhor nível.”⁵⁶

Esse é um dos aspectos negativos que ainda permanece na disciplina de História, e com certeza em todas as outras disciplinas. O professor é bem qualificado, mas infelizmente ele não se compromete com a educação, talvez como o próprio aluno diz, seja devido a seu baixo salário, e uma das maneiras encontradas de demonstrar sua insatisfação, seu descontentamento com a política salarial do governo seja essa, não se comprometer com os resultados do seu trabalho, ficando indiferente aos problemas enfrentados pela educação.

Todos os alunos relatam nas entrevistas que o bom professor de História é aquele que gosta do seu conteúdo e principalmente de ensinar a matéria. Por que a História é uma disciplina que permite inúmeras formas de trabalho dentro

⁵⁶ Entrevista N.V.T.

da sala de aula, e cabe ao professor usar da melhor forma possível os recursos disponíveis, quando ele gosta do que faz seus resultados são bem melhores, principalmente na educação. Paulo Freire acredita que a “ educação é um ato de amor ”.

*“ Se ele é um bom professor, se ele realmente gostar do que faz, logicamente ele vai passar o conteúdo muito melhor para o aluno, que vai aprender muito mais ”.*⁵⁷

O aluno atribui aquele bom professor o fato dele gostar do que está fazendo, por isso ele faz bem feito, cativa os alunos e proporciona com isso uma aprendizagem bastante significativa para o aluno, não só naquele momento, mas por toda a sua vida.

Existe uma expectativa criada pelo aluno de como deve ser a atuação do professor de História dentro da sala de aula.

*“ O professor de história ele tem que ser uma pessoa que sempre está ali, te abrindo os olhos para que você possa compreender melhor a sua realidade ”.*⁵⁸

Ele percebe que a História é uma disciplina que estuda todos os aspectos dentro da sociedade, por isso percebe com maior clareza todas as situações que ocorrem no âmbito social, ajudando a esse aluno a ter um melhor entendimento do seu cotidiano. Essa ampliação de horizonte que a História proporciona, é fundamental para a compreensão da sociedade, nesse aspecto também houve uma pequena evolução, por que o aluno já percebe que a sua visão da sociedade já avançou.

“ Depois que eu voltei a estudar, aí que fui descobrir o que é a História, ela me despertou

⁵⁷ Entrevista E.R.S.

⁵⁸ Entrevista E.R.S.

coisas que pra mim não tinha tanta importância, igual a política, religião, etc. Depois que eu voltei a estudar, eu consigo compreender melhor as coisas.”⁵⁹

De acordos com os alunos entrevistados a disciplina de História em alguns aspectos mudou para melhor, como por exemplo, despertar no aluno a importância de compreender os fatos sociais, incentivar as discussões dentro da sala de aula, tentar satisfazer as necessidades de seus alunos se qualificando cada vez mais, etc. É evidente que estas alterações estão apenas começando e precisam ser ampliadas, para que haja efetivamente uma melhora na educação.

Pelas entrevistas realizadas com os alunos, eles não relatam em nenhum momento os conteúdos estudados, não lembraram ou não tiveram interesse em destacar nenhum deles, a grande preocupação dos alunos é com relação ao trabalho do professor dentro da sala de aula. Se aluno tiver um bom professor de História, que use os recursos disponíveis dentro da sala de aula, que trabalhe com o cotidiano do seu aluno, suas aulas serão bem aproveitadas independentemente de qual conteúdo esteja sendo discutido. Mas este é um aspecto que precisa ser melhor discutido, com a participação dos professores, para chegar a uma melhor compreensão desta problemática.

⁵⁹ Entrevista N.V.T.

Conclusão

Este trabalho teve a intenção de mostrar o dilema vivido pelo aluno que parou de estudar e retornou novamente algum tempo depois. Todo trabalho foi feito em cima das entrevistas realizadas com os alunos, não se preocupando com outros tantos aspectos, relacionados a essa mesma problemática. Tais aspectos não foram questionados, por que não foram levantados pelos alunos nas entrevistas.

Também não houve a preocupação de entender essa problemática do ângulo do professor, com certeza poderíamos chegar a outras conclusões, talvez até mais completas, por que vários outros temas entrariam na discussão.

Pelas entrevistas ficou claro que os alunos não definem qual foi o maior motivo que fizeram com que eles parassem de estudar, foram tantos problemas enfrentados pelos alunos, que todos eles contribuíram de alguma forma para que ele abandonasse a escola, há uma mescla entre o trabalho e sua culpa pessoal (comodismo, falta de interesse), que exige dele mesmo uma responsabilidade sobre o seu ato, não sendo avaliadas as condições sociais que estão a sua volta, que diretamente também influenciaram nessa sua atitude.

Quanto ao seu retorno a escola, eles não tem dúvidas, a exigência do mercado de trabalho que cada vez mais possui uma tecnologia avançada, exige pessoas que possuem um alto grau de escolaridade, ou seja, exige do trabalhador um alto nível de conhecimento, para que eles possam lidar com os meios de produção sem ter problemas. Aliando-se a isso, ainda há o problema do desemprego em massa, proporcionando as empresas a escolha de seu quadro funcional com uma alta qualificação profissional. Então esse aluno que parou de estudar percebe que se ele não possuir os requisitos mínimos exigido pelas

empresas, ele não conseguirá emprego algum, forçando-o a esse difícil regresso. Somente um aluno alegou que voltou a estudar por que queria aprimorar os seus conhecimentos, mas colocando logo em seguida a questão da exigência do mercado de trabalho.

No que tange a escola, os alunos perceberam uma maior liberdade de discussão dentro de seus muros, houve uma democratização desse espaço, o que é perfeitamente compreensível, por que a maioria desses alunos pegou o período remanescente a ditadura militar os padrões eram bem rígidos. Mas é um fato que a escola ainda não consegue cumprir os seus objetivos, não consegue formar o aluno como um verdadeiro cidadão, seu papel dentro da sociedade tem que ser rediscutido, principalmente pelos professores, para que ela consiga se aproximar de seus objetivos.

A disciplina de História teve alguns avanços, como colocamos no capítulo anterior, mas ainda falta muito para que ela desempenhe o seu papel dentro de escola, de entender, interpretar e relacionar os fatos com o cotidiano dos seus alunos, para que isso aconteça é necessário uma conscientização dos professores da importância da História na vida da sociedade como um todo, e também contar com a participação do aluno nesse processo de ensino-aprendizagem.

ANEXOS

DADOS DOS ENTREVISTADOS

NOME:	I.G.B.
DATA DA ENTREVISTA:	13/08/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1986 ATÉ 1990
SÉRIE DE ABANDONO:	7ª SÉRIE
IDADE:	29 ANOS

NOME:	W.A.M.
DATA DA ENTREVISTA:	18/08/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1987 ATÉ 1994
SÉRIE DE ABANDONO:	5ª SÉRIE
IDADE:	36 ANOS

NOME:	H.B.
DATA DA ENTREVISTA:	03/09/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1983 ATÉ 1988
SÉRIE DE ABANDONO:	5ª SÉRIE
IDADE:	41 ANOS

NOME:	W.L.N.
DATA DA ENTREVISTA:	12/09/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1984 ATÉ 1996
SÉRIE DE ABANDONO:	6ª SÉRIE
IDADE:	31 ANOS

NOME:	E.R.S.
DATA DA ENTREVISTA:	17/09/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1994 ATÉ 1996
SÉRIE DE ABANDONO:	8ª SÉRIE
IDADE:	24 ANOS

NOME:	E.T.P.
DATA DA ENTREVISTA:	28/09/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1987 ATÉ 1993
SÉRIE DE ABANDONO:	6ª SÉRIE
IDADE:	31 ANOS

NOME:	M.C.S.
DATA DA ENTREVISTA:	08/10/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1991 ATÉ 1995
SÉRIE DE ABANDONO:	5ª SÉRIE
IDADE:	25 ANOS

NOME:	J.G.S.
DATA DA ENTREVISTA:	18/10/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1994 ATÉ 1997
SÉRIE DE ABANDONO:	8ª SÉRIE
IDADE:	21 ANOS

NOME:	A.G.M.
DATA DA ENTREVISTA:	04/11/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1984 ATÉ 1995
SÉRIE DE ABANDONO:	5ª SÉRIE
IDADE:	33 ANOS

NOME:	N.V.T.
DATA DA ENTREVISTA:	28/06/97
PERÍODO DE ABANDONO:	DE 1983 A 1993
SÉRIE DE ABANDONO:	5ª SÉRIE
IDADE:	38 ANOS

BIBLIOGRAFIA

- APLLE, Michael. Educação e Poder. Trad. De Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas.1989.
- AZEVEDO, Fernando. Sociologia Educacional. 6ª Edição. São Paulo. Edições Melhoramentos.1964. P.217/249.
- CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão? Trad. Estela dos Santos, Cláudio Santoro. Campinas. SP. Papyrus,1991 (Pág. 33-71).
- CARVALHO, Célia Pezzolo. Ensino Noturno: Realidade e ilusão. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 1987,4ª Edição. (Polêmicas do nosso tempo nº 12).
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e Educação. Conferência na faculdade de educação da Unicamp,1979.
- CUNHA, Luiz A.. A educação e a constituição de uma sociedade aberta. IN: Educação e desenvolvimento social no Brasil, 5º Ed., SP, Francisco Alves,1980. PP 27/63.
- DANTAS. Sandra Mara. Uberlândia- Terra fértil para novas sementeiras:a experiência da democracia participativa (1983 – 1988). Monografia UFU. 1996.
- FARIA. Ricardo de Moura. História. Vol. 2 . Belo Horizonte. Minas Gerais: Ed. Lê.1989.
- FERREIRA, Fátima Conceição. Paixão e conflito: um estudo sobre o aluno trabalhador de quinta série noturna. Tese de Mestrado. UFU. 1997.
- FILHO, Michel Zaidan. A crise da razão histórica. Campinas. EP. Papyrus.1989. (P.12/36)
- FONSECA. Selva Guimarães . Caminhos da História Ensinada. 3ª Edição, Campinas-São Paulo. Papyrus,1995. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- Ensino de História. Diversificação de Abordagens.Revista Brasileira de História,São Paulo, V.9, nº 19, 1990. pp. 197-208.

FREITAG, Bárbara. Política educacional e indústria cultural. São Paulo:Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 26)

MACHADO, Lucília R. de Souza. Educação e divisão social do trabalho. São Paulo: Autores Associados:Cortez,1982.

MENEGOLA, Maximiano. E agora, Escola? Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes,1992

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Programa curricular de História para 1º e 2º graus. Belo Horizonte.1986.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. Programa curricular de História para 1º e 2º graus. Belo Horizonte.1991.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 13. Nº 25/26. Set.92-Ago.93.

NUNES , Silma do Carmo. Concepções de mundo no Ensino de História. Campinas, São Paulo:Papirus,1996. (P.26) Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico .

PÊNIN, Sônia. Cotidiano e escola: a obra em construção. São Paulo: Cortez.1989 (Biblioteca da Educação. série 1. Escola;V.2) Pag. 1/31.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Televisão e escola: Conflito ou cooperação? São Paulo:Cortez.1991 (Coleção Educação contemporânea)

RESENDE, Selmo Haroldo. A evolução do ensino de 1º e 2º graus no Brasil e seu contexto histórico-político-econômico e social (1930-1985). Texto produzido para fins didáticos.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra.1988.

SHAFF, Adam. História e Verdade. Tradução (de) Maria Paula Duarte, revisão (de) Carlos Roberto F. Nogueira. 2ª Edição. São Paulo. Martins Fontes.1983.

Martins Fontes.1983.

STRICH, Danilo. (Et orgs). Educação Básica e o Básico na Educação. Porto Alegre, Sulina / Unisinas.1996